



A FILOSOFIA DA EXPERIÊNCIA DE JOHN DEWEY E SUAS REVERBERAÇÕES NO ENSINO DE FILOSOFIA

Larizia de Jesus Monteiro ¹
Alexnaldo Teixeira Rodrigues ²

RESUMO

Este trabalho analisa as contribuições da filosofia da experiência de John Dewey para o ensino de filosofia. Partindo do reconhecimento de que o próprio ato de ensinar filosofia é uma questão filosófica, o estudo reflete sobre o risco de buscar roteiros fixos e reafirma a necessidade de que cada docente construa seu percurso em diálogo com as condições concretas do ensino. A partir do levantamento do estado da arte, observou-se que o ensino de filosofia ainda carece de práticas que considerem a experiência como elemento central do processo formativo. Trata-se de uma pesquisa de natureza teórica, fundamentada nas obras *Experiência e Educação* (1979) e *Experiência e Natureza* (1974), de John Dewey, bem como comentadores. A partir desses referenciais, sistematizaram-se os principais pressupostos deweyanos: a experiência como processo contínuo; como mediação entre sujeito e mundo; e como critério prático da verdade. Dewey compreende a aprendizagem como atividade reflexiva e colaborativa, que exige participação, experimentação e construção de sentido por meio da vivência direta dos/as estudantes com situações reais e significativas. A experiência, para ele, é ponto de partida e critério para o pensamento, atravessada por dúvidas, problemas e reconstruções constantes. A educação, nesse sentido, deve ser um processo ativo, adaptável e contínuo, no qual o conhecimento não é transmitido, mas construído na ação. Ao promover ambientes de aprendizagem baseados em investigação, cooperação e resolução de problemas, Dewey destaca que a escola deve funcionar como uma comunidade viva, na qual docentes e discentes interagem criticamente com o mundo. Como resultado, a pesquisa identificou que a filosofia da experiência de Dewey oferece fundamentos consistentes para repensar o ensino filosófico escolar, permitindo a elaboração de propostas didáticas que favoreçam criatividade, reflexão crítica e autonomia dos/as estudantes. Tais contribuições apontam caminhos para práticas mais significativas, capazes de reconfigurar o lugar da filosofia na formação básica.

Palavras-chave: Ensino de filosofia, Experiência, John dewey.

INTRODUÇÃO

A filosofia da experiência, formulada por John Dewey, constitui uma das mais expressivas contribuições do pensamento pragmatista para a educação e para a compreensão da própria prática filosófica. O pragmatismo, como explica Paravicini (2017) em *John Dewey: Experimentar o Pensamento*, é uma filosofia do fazer, na qual o pensamento é

¹ Graduanda do Curso de Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, lariziamonteiro7@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de Filosofia da Universidade Federal da Bahia - UFBA, atrodrigues@uefs.br;





compreendido como instrumento de ação e transformação do mundo. Nesse sentido, o conhecimento deixa de ser algo abstrato ou contemplativo e passa a ser uma forma de intervenção prática na realidade. Em Dewey, o saber se realiza na experiência, isto é, na relação viva e contínua entre o sujeito e o meio em que ele atua.

O presente artigo tem como tema a filosofia da experiência de John Dewey e suas contribuições para o ensino de filosofia. Seu objetivo é analisar como a concepção de experiência, formulada pelo autor, pode fundamentar práticas pedagógicas mais reflexivas, democráticas e significativas, que unam teoria e prática na formação do pensamento filosófico. A relevância da pesquisa reside no fato de que o ensino de filosofia, em muitos contextos escolares, ainda reproduz modelos tradicionais centrados na transmissão de conteúdos, o que dificulta o desenvolvimento da autonomia e da criticidade dos estudantes. A reflexão sobre a filosofia da experiência possibilita repensar esses modelos e reafirmar o papel da filosofia como prática de liberdade e de reconstrução contínua do pensamento.

A partir dessa perspectiva, Dewey desenvolve uma crítica contundente à educação tradicional, marcada pela imposição e pela passividade. Segundo ele, “O esquema tradicional é, em essência, esquema de imposição de cima para baixo e de fora para dentro. Impõe padrões, matérias de estudo e métodos de adultos sobre os que estão ainda crescendo lentamente para a maturidade” (Dewey, 1979, p. 5). Nesse modelo, o professor é o centro do processo e o detentor do conhecimento, enquanto o aluno é colocado em posição receptiva. Para Dewey, o problema da educação tradicional não é a ausência de experiências, mas a qualidade delas: “Algumas experiências são deseducativas. É deseducativa toda experiência que produza o efeito de parar ou distorcer o crescimento para novas experiências posteriores” (Dewey, 1979, p. 14). Assim, Dewey distingue dois tipos de experiência: a educativa e a deseducativa. A experiência educativa é aquela que promove o crescimento intelectual, emocional e social, instigando a curiosidade e a reflexão crítica. Já a deseducativa restringe a abertura para novas aprendizagens e inibe o desenvolvimento do pensamento. O critério fundamental para diferenciá-las é o princípio da continuidade da experiência, segundo o qual toda experiência significativa absorve algo do passado e influencia as futuras, ampliando a sensibilidade e a capacidade de agir diante das novas situações. Como afirma o autor: “Considero que a ideia fundamental da filosofia de educação mais nova e que lhe dá unidade é a de haver relação íntima e necessária entre os processos de nossa experiência real e a educação” (Dewey, 1979, p. 9).





O presente estudo³ trata-se de uma pesquisa teórica e bibliográfica, fundamentada nas obras *Experiência e Educação* (1979) e *Experiência e Natureza* (1974), de John Dewey, além de autores como Paravicini (2017), Cerletti (2009), Gallo (2012), Lins (2015) e Gueroult (2007). O percurso metodológico baseia-se na análise conceitual e na formulação de relações entre os princípios de experiência, reflexão e aprendizagem, buscando compreender suas repercussões no ensino de filosofia.

Dessa maneira, a filosofia da experiência de John Dewey oferece fundamentos consistentes para repensar o ensino filosófico, unindo teoria e prática em um mesmo movimento reflexivo. Ao propor uma educação que valoriza a experiência e o pensamento ativo, Dewey reafirma a necessidade de uma formação voltada à autonomia, à criticidade e à participação democrática. Aprender, sob essa ótica, é viver e reconstruir o próprio processo de pensar: um exercício contínuo de liberdade, criação e transformação.

METODOLOGIA

A pesquisa, de natureza teórica e bibliográfica, tem como fontes primárias as obras *Experiência e Educação* (1979) e *Experiência e Natureza* (1974), de John Dewey. O procedimento metodológico articula a investigação conceitual, voltada à compreensão filosófica, e a pesquisa bibliográfica, sustentada em materiais já publicados (Sakamoto; Silveira, 2014; Gil, 2022). O estudo filosófico segue a proposta de Gueroult (2007), segundo a qual a análise se desenvolve em duas etapas: a formulação do problema e a sistematização dos conceitos, considerando suas articulações lógicas. Tal abordagem possibilita uma análise rigorosa da filosofia da experiência de Dewey e suas implicações para o ensino de filosofia.

REFERENCIAL TEÓRICO

O pragmatismo surgiu nos Estados Unidos, no final do século XIX, com filósofos como Charles Sanders Peirce, William James e John Dewey. Anos depois, Dewey estruturou o pragmatismo em uma vertente própria, denominada instrumentalismo, na qual o pensamento é compreendido como um instrumento a serviço da ação. O pragmatismo é pautado na experiência e na prática, e, sob a perspectiva deweyana, o valor de uma ideia está no seu efeito prático, isto é, em sua capacidade de orientar a ação e transformar a experiência. A

³ Projeto *Filosofia Criativa: Desenvolvendo uma Didática Disruptiva para o Ensino Filosófico* (CONSEPE 037/2024), vinculado à Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e realizado com apoio do PIBIC-Af/CNPq





verdade, portanto, não é algo fixo e absoluto, mas algo que se verifica na prática, nas consequências observáveis daquilo que se pensa e faz. Dewey interpreta a educação como o método científico por meio do qual o homem estuda o mundo e adquire cumulativamente conhecimento de significados e valores, não sendo, entretanto, estes resultados da ciência mais do que dados para se conduzir uma vida inteligente e de continuado estudo crítico” (Dewey, 1979, p. XII).

A experiência envolve paixão, sofrimento, esforço e ação diante do mundo. Não se reduz a mera contemplação, mas consiste em atividade adaptativa, em resposta às condições do meio. Essa visão faz da experiência um processo aberto e evolutivo: sempre precária, em mudança e sujeita a novos desequilíbrios, que geram estímulos e possibilidades de progresso. Como afirma Paravicini (2017, p.56), “[...] a experiência não é a operação de uma mente separada do mundo, mas o modo como os seres se relacionam entre si e com o seu ambiente”. Nesse processo, os hábitos ocupam papel central. Eles não são repetições mecânicas, mas respostas adaptativas flexíveis, que expressam a co-construção da natureza humana entre sua base biológica e o ambiente cultural. A inteligência, por sua vez, não é uma faculdade separada, mas integra a própria experiência. Pensar, para Dewey, é prever, apostar, antecipar-se com base nos indícios do ambiente. Trata-se de uma dimensão prospectiva, na qual a experiência não se limita à memória do passado, mas projeta possibilidades futuras. Essa compreensão fundamenta a crítica de Dewey tanto ao empirismo quanto ao racionalismo. O empirismo reduzia a experiência a uma soma de dados sensoriais fragmentados, enquanto o racionalismo inventava uma razão externa para lhes dar unidade. Para Dewey, ambos os caminhos são insuficientes, porque já é da própria experiência conter ordem, conexões e sentido. Como sintetiza Paravicini (2017, p.56), a experiência é “[...] o produto de toda a existência psicofísica do homem ou de todo o organismo em geral como ser vivo, na sua interação com o ambiente”. Assim, a concepção de Dewey, conforme apresentada por Paravicini, mostra a experiência como um processo dinâmico, integrado e aberto ao futuro, no qual a inteligência desempenha papel mediador fundamental. Longe de ser mera contemplação ou abstração, a experiência é prática, ativa e transformadora, permitindo ao homem intervir criativamente no mundo e realizar seu potencial.

Para Dewey, a experiência envolve diversos aspectos fundamentais: é um processo contínuo de aprendizagem, baseado na interação entre o sujeito e o meio. Ele entende a experiência como um conjunto de fatores que colaboram para o crescimento do indivíduo, tanto no aspecto intelectual quanto na capacidade de construir conhecimentos de forma ativa e





reflexiva. A qualidade da aprendizagem, para ele, depende do quanto essa experiência contribui para novas aprendizagens e para o desenvolvimento integral do sujeito.

Dewey, com sua filosofia da experiência, rompe com uma educação tradicional, pois na educação tradicional o ensino é engessado e acontece de forma controladora, visto que o professor, nesse formato tradicional, ainda é o centro e o detentor do conhecimento. Para Dewey, o problema da educação tradicional não é a ausência de experiências, já que elas existem nesse método de ensino. A questão central, portanto, está na qualidade dessas experiências, que pode afetar negativamente o desenvolvimento e limitar a abertura para novas aprendizagens. Nem toda experiência é relevante, pois há experiências educativas e deseducativas. Para Dewey, é crucial entender como a experiência pode contribuir para o aprendizado contínuo e instigar a curiosidade e criticidade nesse processo. Sendo assim, é importante salientar que as experiências são importantes mediante a funcionalidade gerada para uma nova experiência significativa que trabalhe a ação e reflexão dos alunos, contribuindo, assim, para sua autonomia, seu crescimento intelectual, emocional e social. Por outro lado, a experiência deseducativa pode restringir o interesse do aluno, a curiosidade e a autonomia do estudante.

John Dewey entende que a Educação nova/progressista, ao contrário da educação tradicional, tende a prezar pela autonomia do aluno, já que o professor não é mais o centro, e sim o meio que facilita a compreensão do aluno no assunto. O aluno não é visto como uma folha em branco sem conhecimento e suas experiências são válidas, levando em consideração o seu contexto social. Prezar por uma educação que possibilite que o indivíduo possa aprender com experiências e aplicar esses aprendizados a novas experiências futuras é o ponto chave da filosofia da experiência.

Existem dois tipos de experiência: Deseducativa e educativa. “Algumas experiências são deseducativas. É deseducativa toda experiência que produza o efeito de parar ou distorcer o crescimento para novas experiências posteriores.” (DEWEY, 1979, p. 14). Deste modo, Dewey argumenta que a experiência é um caminho para o crescimento contínuo e a abertura a novas experiências. Quando uma experiência impede ou distorce esse processo, ela se torna deseducativa, interferindo no desenvolvimento do indivíduo.

A priori, nosso foco é na experiência educativa: aquela que vai impulsionar o aluno a vivenciar experiências de qualidade e significativa, levando em consideração todo meio social que o indivíduo se encontra e possibilitando essas vivências a novas experiências que possam ser atreladas a experiências futuras e que os alunos consigam, de forma autônoma, agir diante das experiências com criticidade, ação e praticidade. A qualidade dessa experiência se aplica





ao aspecto mediato que está relacionado ao impacto que a experiência terá no futuro. Em outras palavras, é o efeito duradouro da experiência sobre o desenvolvimento do indivíduo e sua capacidade de se abrir para novas vivências. Para Dewey, é fundamental que a experiência não seja avaliada apenas pela satisfação imediata que ela proporciona, mas sim pelo seu papel no crescimento contínuo do sujeito. Uma experiência que, à primeira vista, pode não ser agradável, pode se mostrar essencial para o desenvolvimento de atitudes e a construção de novos aprendizados, pois ela molda a capacidade do indivíduo de se abrir para novas experiências no futuro. Deste modo, Dewey enfatiza que a verdadeira importância de uma experiência não reside apenas em seu prazer momentâneo, mas na maneira como ela contribui para o processo de aprendizado contínuo e para o desenvolvimento das atitudes do indivíduo. A experiência, portanto, deve ser vista como um processo dinâmico, que vai além do imediato, influenciando de forma significativa o desenvolvimento do sujeito ao longo do tempo.

Para Dewey, toda experiência perpassa o lado emocional e intelectual, levando em consideração a sensibilidade de cada um diante dos estímulos para essas experiências e para as experiências subsequentes. O princípio da continuidade da experiência quer dizer que toda experiência absorve algo das experiências passadas e altera, de algum modo, as experiências futuras.

Dewey, em sua obra *Experiência e Natureza* (1974), aborda o conceito “critério prático da verdade” que reflete nas experiências como processo de verificação da verdade. A verdade não é algo fixo, ao contrário, ela é resultado das experiências – das ações humanas e de suas consequências. Por isso, elas mudam conforme as experiências e suas relações com o indivíduo e o meio. A título de exemplo, uma ideia é verdadeira quando funciona na prática, quando ajuda a resolver problemas, orienta ações e produz resultados no mundo real. Analisando essa visão no campo educacional, significa que o saber não é algo pronto a ser transmitido, mas algo que deve ser testado, experimentado e reconstruído pelos próprios estudantes em situações reais. A escola passa a ser, assim, um laboratório de experiências, onde se busca o conhecimento através da prática, reflexão e da investigação.

Pensar em aprendizagem filosófica é pensar em experiência. Para Dewey, A filosofia propõe uma nova concepção de experiência, marcada pela recusa aos dualismos clássicos da tradição filosófica, como indivíduo/sociedade, mente/realidade e natureza/cultura (Dewey, 1974, 1979). Para o autor, tais oposições não passam de distinções práticas que surgem diante de tensões adaptativas (Dewey, 1974). Ou seja, Dewey preza por uma dinâmica que seja indivíduo em sociedade, mente na realidade, cultura a partir da natureza, o sujeito em





interação com o meio. Sendo assim, o ensino precisa ser envolvente, criativo, crítico, reflexivo que estimule a autonomia discente. A filosofia como prática de vida, não só como conteúdo teórico. E pensar em aprendizagem filosófica é também pensar no papel do professor neste contexto, que rompe com o papel tradicional, em que o professor é o detentor do conhecimento, para se tornar um facilitador desse saber. O professor/facilitador é fundamental nesse processo da experiência educativa, pois será ele o facilitador do aluno para sua autonomia, ao auxiliar esse estudante com a sua construção intelectual, crítica e reflexiva que influencia o aluno não só na sala de aula, mas também em suas vivências cotidianas.

Acerca da prática docente como facilitadora do conhecimento do aluno, Dewey afirma que "O professor tem de considerá-los individualmente. Constituem um grupo geral, mas nenhum caso é exatamente igual a outro. O educador tem de descobrir, do melhor modo que lhe for possível, as causas individuais das atitudes récalcitrantes" (Dewey, 1979, p. 52). Para Dewey, cada aluno é único, e o professor não pode tratar todos os casos de indisciplina ou rebeldia da mesma forma. Embora os estudantes façam parte de um grupo, suas atitudes têm causas individuais, e o educador precisa identificá-las para lidar com elas da melhor maneira possível. Isso reforça a ideia de que o controle social na educação deve ser flexível e adaptado às necessidades de cada aluno, em vez de seguir regras rígidas e padronizadas. Contudo, o professor aqui não é visto como o detentor do conhecimento já que os alunos são vistos como indivíduos com conhecimentos prévios e, por conta disso, o papel do professor é estimular e desafiar os alunos para obter novos aprendizados de forma significativa, levando em consideração que cada aluno é um ser único, com suas particularidades, com seus contextos sociais e com suas dificuldades.

Neste sentido, o professor é fundamental para construção e desconstrução de hábitos, elevando assim o potencial do aluno. Em suma, para o professor conseguir desenvolver seu papel como facilitador, é importante e necessário ter um ambiente estimulante que estimula os alunos, levando em consideração a participação ativa e o desenvolvimento social, emocional e cognitivo de cada um deles. Além do espaço físico, são relevantes a interação interpessoal, o espaço e os recursos pedagógicos, visto que são ferramentas que ajudam o professor a nortear o seu ensino/facilitação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A filosofia de John Dewey propõe uma nova concepção de experiência, marcada pela recusa aos dualismos clássicos da tradição filosófica, como indivíduo/sociedade,





mente/realidade e natureza/cultura (Dewey, 1974, 1979). Para Dewey, tais oposições não passam de distinções práticas que surgem diante de tensões adaptativas (Dewey, 1974). A experiência deve ser entendida, portanto, como um processo contínuo de adaptação entre o organismo e o ambiente, em diálogo com o pensamento biológico e evolucionista de inspiração darwinista.

Nessa perspectiva, a experiência é sempre relação: não existe separada do organismo que vive e do ambiente natural e social que o envolve. Paravicini (2017, p.56) explica que, para Dewey, ela é “[...] o modo como os seres se relacionam entre si e com o seu ambiente”. Isso significa que a experiência é elástica, contínua e sujeita a reestruturações, na medida em que se renova a cada interação. A capacidade cognitiva e reflexiva, nesse quadro, não é um dom abstrato, mas tem origem no comportamento adaptativo dos seres vivos.

Diferente da filosofia tradicional, que tratava a experiência como algo psíquico e subjetivo, Dewey a compreende como objetiva e ativa (Cf. Paravicini, 2017, p.47-52). A experiência envolve paixão, sofrimento, esforço e ação diante do mundo. Não se reduz a mera contemplação, mas consiste em atividade adaptativa, em resposta às condições do meio. Essa visão faz da experiência um processo aberto e evolutivo: sempre precária, em mudança e sujeita a novos desequilíbrios, que geram estímulos e possibilidades de progresso. Como afirma Paravicini (2017, p.56), “[...] a experiência não é a operação de uma mente separada do mundo, mas o modo como os seres se relacionam entre si e com o seu ambiente”.

Nesse processo, os hábitos ocupam papel central. Eles não são repetições mecânicas, mas respostas adaptativas flexíveis, que expressam a co-construção da natureza humana entre sua base biológica e o ambiente cultural. A inteligência, por sua vez, não é uma faculdade separada, mas integra a própria experiência. Pensar, para Dewey, é prever, apostar, antecipar-se com base nos indícios do ambiente. Trata-se de uma dimensão prospectiva, na qual a experiência não se limita à memória do passado, mas projeta possibilidades futuras.

Essa compreensão fundamenta a crítica de Dewey tanto ao empirismo quanto ao racionalismo. O empirismo reduzia a experiência a uma soma de dados sensoriais fragmentados, enquanto o racionalismo inventava uma razão externa para lhes dar unidade. Para Dewey, ambos os caminhos são insuficientes, porque já é da própria experiência conter ordem, conexões e sentido. Como sintetiza Paravicini (2017, p.56), a experiência é “[...] o produto de toda a existência psicofísica do homem ou de todo o organismo em geral como ser vivo, na sua interação com o ambiente”.

Assim, a concepção de Dewey, conforme apresentada por Paravicini, mostra a experiência como um processo dinâmico, integrado e aberto ao futuro, no qual a inteligência





desempenha papel mediador fundamental. Longe de ser mera contemplação ou abstração, a experiência é prática, ativa e transformadora, permitindo ao homem intervir criativamente no mundo e realizar seu potencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa permitiu aprofundar a compreensão da filosofia da experiência em John Dewey, evidenciando sua relevância teórica e prática para o campo do ensino de filosofia. A partir da análise das obras *Experiência e Educação* (1979) e *Experiência e Natureza* (1974), compreendeu-se que a experiência, entendida como interação contínua entre sujeito e mundo, constitui o núcleo de sua proposta pedagógica e filosófica. Essa concepção rompe com os dualismos clássicos e sustenta uma visão dinâmica do conhecimento, em que aprender é agir, refletir e reconstruir continuamente o significado da própria experiência.

Ao integrar o pensamento de Dewey ao ensino de filosofia, foi possível reconhecer que a aprendizagem filosófica não se restringe à transmissão de conteúdos, mas se configura como prática investigativa e reflexiva. O ensino de filosofia, sob a ótica deweyana, deve ser concebido como um processo ativo, colaborativo e criador, no qual docentes e discentes constroem juntos o conhecimento a partir de problemas reais e situações significativas. Essa perspectiva permite redefinir o papel do professor, que passa a atuar como mediador e instigador de experiências de pensamento, e do estudante, que assume uma postura protagonista, participando da produção do saber filosófico.

Os resultados indicam que a filosofia da experiência oferece fundamentos consistentes para a construção de uma didática filosófica centrada na investigação, na autonomia e na cooperação. Ao propor a escola como uma comunidade viva, Dewey defende uma educação que une teoria e prática, pensamento e ação, razão e sensibilidade. No contexto da educação básica, isso implica repensar o ensino de filosofia de modo que ele se torne espaço de criação e reflexão crítica, estimulando a curiosidade, a imaginação e o engajamento com o mundo.

Conclui-se, portanto, que a filosofia da experiência, de John Dewey, continua atual e necessária para o enfrentamento dos desafios contemporâneos da educação. Sua proposta contribui para o fortalecimento de práticas pedagógicas mais democráticas, criativas e significativas, nas quais a experiência se torna critério de verdade e motor de transformação. Ao assumir a experiência como fundamento do filosofar e da aprendizagem, reafirma-se a importância de uma educação que forme sujeitos reflexivos, autônomos e comprometidos com a reconstrução contínua de si e da realidade que os cerca.





AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer as minhas mães Maria de Lourdes e Inarai/Nengua Lundiamazi a que me colocou no mundo e para o mundo e a que me fez renascer para Nkisi.

Agradeço a minha ancestralidade por todo amparo, cuidado e direcionamento nos meus caminhos. Sem vocês não existir Larizia e tão pouco Danvulá.

Agradeço a meu orientador Prof. Dr. Alexnaldo Teixeira Rodrigues pela oportunidade dada a mim em iniciar uma pesquisa sem nenhuma experiência, pelo cuidado, ensinamento e por me incentivar a construir minha carreira desde já.

Agradeço a minha irmã Larissa Monteiro pelas consultorias acadêmicas (e pela parceria na vida – irmandade), o que me fez acreditar no meu potencial e me instruiu para o amadurecimento da escrita.

Agradeço a minha filha Raíssa Monteiro por me fazer uma mulher-mãe que não desiste dos seus objetivos.

Agradeço a todos os amigos que se fizeram presente tanto no início da minha pesquisa quanto no final, acompanhando minhas apresentações, me incentivando e apoiando nessa caminhada.

Agradeço a Fernando pela escuta nas horas que estava falando incansavelmente sobre Dewey e sua filosofia da experiência, pelo cuidado, atenção e apoio a mim, que foram e são essenciais.

Agradeço indiretamente a todos e todas que compareceram e comparecerão as minhas apresentações. Vocês são a ponte para quem estou me tornando: pesquisadora.

Toda experiência vivida até aqui serão frutos para novas experiências, como Dewey traz em sua filosofia, pois estou aberta para aprender, agir e refletir sobre minhas ações resultantes das minhas experiências. A pesquisa tem sido meu laboratório de investigação, reflexão e crítica, assim, me construo e reconstruo quantas vezes forem necessárias. Obrigada!

REFERÊNCIAS

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

AGUIAR, Porfírio (Org.). **John Dewey – Pedagogia, História, Filosofia, Sociologia e Magistério**. São Paulo: Ícone, 2007.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. 3. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

DEWEY, John. **Experiência e Natureza**. Trad. M. O. R. P. Leme. São Paulo: Abril Cultural e Industrial, 1974.





- DEWEY, John. **Vida e Educação**. Tradução e estudo preliminar: Anísio Teixeira. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1965. p. 13-41.
- GALLO, Sílvia. **Metodologia do ensino de filosofia**: uma didática para o ensino médio. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- LINS, Maria Judith Sucupira da Costa. A filosofia da educação de John Dewey: reflexões e perspectivas atuais para a escola brasileira. **Filosofia e Educação**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 19–46, jun./set. 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8637547>. Acesso em: 23 maio 2025.
- PARAVICINI, Andrea. **John Dewey**: experimentar o pensamento. São Paulo: Salvat, 2017.
- GUEROULT, Martial. Lógica, arquitetônica e estruturas constitutivas dos sistemas filosóficos. **Trans/Form/Ação**, v. 30, n. 1, p. 235–246, 2007. DOI: 10.1590/S0101-31732007000100016.
- FELICIANO, Sandro Rinaldi. O ensino de filosofia como problema filosófico: revendo Alejandro Cerletti. **Filosofia e Educ.**, v. 11, n. 2, p. 124–144, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8654829>. Acesso em: 23 maio 2025.
- TEIXEIRA, Anísio. A Pedagogia de Dewey. In.: DEWEY, John. **Vida e Educação**. Tradução e estudo preliminar: Anísio Teixeira. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1965. p. 13-41.
- SAKAMOTO, Cleusa Kazue; SILVEIRA, Isabel Orestes. **Como fazer projetos de investigação científica**. São Paulo: Paulus, 2014. (Coleção Cadernos de Comunicação).

